

A família Miller e a fotografia como dispositivo de vigilância e controle nas mídias sociais ¹

Izabela Domingues da SILVA²

Sérgio Lucas da SILVA JR³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar como a fotografia se tornou um dispositivo de vigilância e controle dos sujeitos a partir da produção de imagens digitais e sua disponibilização crescente, de maneira pública, nas mídias sociais. Para tanto, articula conceitos como sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1987), sociedade de controle (DELEUZE, 1992), quarta revolução industrial (SCHWAB, 2016), fotografia documental (KOSSOY, 2001) e vigilância (BRUNO, 2009) para melhor entender os impactos e as transformações sociais advindos da imbricação das mídias sociais com a fotografia dentro de um regime de vigilância cada vez mais distribuída na era digital. Faz uso da metodologia qualitativa e da técnica de estudo de caso, a partir das postagens da família Miller, residente em Londres, no *Instagram*.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; Instagram; vigilância; controle; *#documentyourlife*.

INTRODUÇÃO

A fotografia é uma técnica de registro das nossas vidas e do nosso cotidiano que exerce um grande encanto desde que foi inventada no século XIX. A possibilidade de ver as pessoas, os lugares e também se ver em registros imagéticos ganhou um fascínio ainda maior com a era digital e a possibilidade de fazer esses registros facilmente e com baixo ou nenhum custo, através de *gadgets* cada vez mais presentes no nosso dia-a-dia, como os *smarthphones* e os *tablets*.

A era digital é também considerada, hoje, a era da vigilância, em função de que nossas interações digitais, especialmente na internet, deixam rastros e registros sobre

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação e Cultura Digital do 22º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora permanente do PPGCOM e do Núcleo de Design e Comunicação da UFPE. E-mail: izabela.domingues@ufpe.br

³ Estudante de Graduação 8º. Período do Curso de Comunicação do CAA/UFPE, e-mail: sergiolucasjunior@gmail.com

nostros passos, percursos, gostos, em suma, geram dados capazes de fornecer inúmeras informações sobre quem somos, o que fazemos, do que gostamos e até mesmo predizer nossas atitudes com uma acurácia, precisão e assertividade jamais vistas.

Neste contexto, observamos como as fotografias, para além de um mero registro afetivo, documental, pessoal ou profissional, passam a ser compreendidas como dispositivos de vigilância e controle das pessoas umas sobre as outras, não somente entre aquelas que se conhecem entre si, mas também numa relação de vigilância distribuída própria da sociedade da vigilância na qual nos encontramos hoje (BRUNO, 2009).

1. A ERA DIGITAL E A SOCIEDADE DA VIGILÂNCIA

As ocupações, as práticas e os gestos estão sempre em processo de transformação. É inegável, entretanto, que as tecnologias digitais têm provocado mudanças em ritmo acelerado em todos os aspectos da vida humana – profissionais, pessoais e, sobretudo, nas relações interpessoais. Embora o ritmo de disseminação dessas novas tecnologias, na nossa vida cotidiana, venha se intensificando ao longo das últimas décadas, a era digital foi constituída por um processo temporal gradativo, cuja matriz remonta à Segunda Guerra Mundial (DOMINGUES, 2016).

Como nos lembra Castells (1999), a tecnologia não determina a sociedade e nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica. Nesse sentido:

a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico. (CASTELLS, 1999, p. 44-45).

Se o mundo se transformou amplamente com as três revoluções industriais, do século XVIII ao século XX, tende a passar por uma mudança ainda mais intensa com a quarta revolução industrial em curso, a qual vem transformando, profundamente, a sociedade atual e seus modelos de negócios. Estão associados à chamada revolução 4.0 fenômenos como a inteligência artificial, a internet das coisas, as cidades inteligentes com o uso de dispositivos conectados à internet, as tecnologias de reconhecimento facial e as

impressoras 3D capazes de construir, em tempo real, de pequenos objetos para uso no dia-a-dia a peças perenes para grandes edifícios (SCHWAB, 2016).

Os sensores e vários outros meios de conectar as coisas do mundo físico às redes virtuais estão se proliferando em um ritmo impressionante. Sensores menores, mais baratos e inteligentes estão sendo instalados em casas, roupas e acessórios, cidades, redes de transportes e energia, bem como nos processos de fabricação. (SCHWAB, 2016, p.27).

As transformações político-econômicas e socioculturais associadas às novas tecnologias digitais estão em toda parte. Os *softwares* modificaram grande parte do setor de serviços, sendo, talvez, a empresa Uber, um dos mais emblemáticos exemplos dessas transformações. Mudou o setor de mobilidade urbana e o comportamento dos consumidores de táxis e ônibus no mundo inteiro, ofertando comodidade, praticidade e preços competitivos sem nunca sequer ter adquirido um automóvel ou contratado um motorista, mas dispondo de um modelo de negócio de plataforma altamente competitivo, com um sistema georreferenciado preciso, alterando funções exercidas antes somente por seres humanos, substituindo-as por máquinas com inteligência artificial.

A globalização e a sociedade em rede conectaram as pessoas com uma rapidez jamais vista na história da humanidade. E essa conexão se intensifica cada vez mais, derrubando as barreiras de tempo e espaço com as quais tínhamos que lidar nos séculos passados (CASTELLS, 1999). Nesse contexto, é cada vez mais difícil para as pessoas se desligarem e saírem da rede, visto que as nossas relações interpessoais, nossas atividades profissionais e boa parte do que precisamos fazer para organizar nossas vidas cotidianamente precisa, agora, da internet. A pandemia do covid-19, inclusive, exigiu que boa parte da população mundial que não usava ou usava, moderadamente, serviços digitais passasse a utilizá-los em função da necessidade do isolamento social. Num cenário complexo como esse, é praticamente impossível não deixarmos nossos dados registrados no mundo digital. Logo, mesmo quando tentamos “driblar” o sistema, ainda assim, deixamos rastros digitais das nossas presenças, ações, intenções e desejos. (DOMINGUES, 2016).

A conectividade nos obriga a nos adaptarmos para usufruir de serviços básicos, como, por exemplo, obter um desconto num medicamento comprado numa farmácia. Para que esse desconto seja recebido, por exemplo, as empresas exigem nossos dados, gerando

assim, informações que podem servir para alimentar um sistema de vigilância capaz de acompanhar nossas ações, muitas vezes, sem percebermos.

Para entendermos o que é considerada a sociedade da vigilância contemporânea, é preciso voltar o olhar para a Modernidade e conhecer aspectos que contribuíram, gradativamente, para a implementação desse sistema de vigilância global. As práticas de vigilância e controle foram problematizadas pelos filósofos Michel Foucault e Gilles Deleuze em seus estudos realizados na segunda metade do século XX. Os pensadores apontam para a construção de formatos de sociedades que emergem de sistemas cujas características estão associadas ao modo como as pessoas se comportam e são levadas a se comportar, considerando-se mecanismos de vigilância, premiação e punição. (FOUCAULT, 1987).

A sociedade disciplinar estudada por Foucault exerce uma dominação em ambientes fechados, compartimentados, como as prisões, as fábricas e os hospitais, capazes de organizar, dividir e moldar os sujeitos para serem dóceis e úteis. Para o autor, os corpos também são objeto de poder a serem manipulados, modelados e treinados para obedecer, tornando-se hábeis desse modo (FOUCAULT, 1987). Mas, como ele bem observou, toda essa disciplina exige um monitoramento constante para funcionar e fazer acontecer essa construção de práticas dominantes. O corpo passa a ser vigiado para evitar falhas que, caso ocorram, ensejam uma punição para que a disciplina seja reafirmada. O corpo treinado gera resultados e se qualifica em um padrão disciplinar (FOUCAULT, 1987).

A partir da Segunda Guerra Mundial, com o advento da cibernética, as disciplinas vão perdendo força em favor de um novo sistema, que vai se instalando gradativamente e configura, de acordo com Deleuze, as sociedades de controle (1992). Nessas, as pessoas tendem a se sentir livres porque o controle não se dá mais a partir de instituições fechadas, como a escola, a fábrica e o hospital, e, sim, através da sua vida cada vez mais computacional e digital. Com essa liberdade, deixamos de ser vigiados de maneira clara e explícita, pois a vigilância, nas sociedades de controle, faz com que os corpos sejam, aparentemente, livres, visto que não estão confinados. Os sujeitos, nesse regime, entretanto, sequer sabem quem os vigia. (DELEUZE, 1992).

Na atualidade, especialmente com a quarta revolução industrial em curso, lidamos diariamente com dispositivos de vigilância e monitoramento em lugares públicos, semi-públicos e privados, com câmeras de vigilância, *webcams* pessoais ou institucionais, controle no trânsito com GPS⁴, formas de acessar produtos bancários com nossos dados, através da leitura da íris, via scanner facial e biometria. O modo como registramos nossa entrada em estabelecimentos ou a forma como nos apresentamos mudou: antes, era necessário um registro por escrito; hoje, nosso próprio corpo passa a ser considerado a nossa assinatura. Deleuze (1992) observa que nas “sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem” (p.219-226).

Este monitoramento sorrateiro, próprio das sociedades de controle, faz hoje parte das nossas vidas, cada vez mais intensamente, através do uso que fazemos e dos rastros que deixamos nas redes sociais digitais, também chamadas de mídias sociais. Novas redes sociais digitais surgem todos os anos e, com esse crescimento constante, milhões de pessoas criam seus perfis em muitas delas. Esses são administrados e alimentados com conteúdos pessoais simultaneamente, o que faz as pessoas dedicarem um tempo significativo a elas. A criação de um perfil *online* se torna uma das formas mais recorrentes da nossa identificação no mundo digital, fazendo com que pessoas consigam se conectar umas com as outras, mesmo que estejam em países diferentes. *Facebook*, *Instagram*, *SnapChat*, *YouTube* e *WhatsApp* são algumas das redes sociais digitais mais utilizadas no mundo, somando mais de 3,4 bilhões de usuários ativos⁵.

O mundo se torna mais e mais conectado com o passar dos anos e o desenvolvimento das tecnologias, plataformas e mídias digitais. Cada vez menos, será possível pensar em um mundo desconectado. Estamos interligados uns aos outros: mesmo quando não queremos fazer parte dessa conectividade, somos “obrigados” para usufruirmos de oportunidades básicas. E, nesse universo das mídias sociais com o qual

⁴ Sistema de posicionamento global por satélite

⁵ Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>>

nos relacionamos mais e mais intensamente, dedicando horas e horas dos nossos dias e noites, a fotografia se torna um meio de exposição do “eu” e da “intimidade”.

2. A FOTOGRAFIA COMO UM DISPOSITIVO DE VIGILÂNCIA

Segundo Kossoy (2001), a fotografia tem papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. Com o advento da fotografia na década de 1860, grandes indústrias de fabricação de câmeras surgiram e grandes possibilidades comerciais começaram a acontecer. O registro do real passou por vários momentos e, nesse percurso, algumas categorias de fotografia também surgiram. Entre elas, está a fotografia como forma de documento (KOSSOY, 2001).

As imagens sem conta produzidas a partir de 1840 dos microaspectos captados de diferentes contextos sociogeográficos têm preservado a memória visual de inúmeros fragmentos do mundo, dos seus cenários e personagens, dos seus eventos contínuos, de suas transformações ininterruptas. Essas imagens são documentos para a história e também para a história da fotografia. É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e denotador de emoções. (KOSSOY, 2001, p.27)

A fotografia documental tem papel fundamental para guardar e preservar memórias, tornando-se também um revelador de informações. Kossoy (2001, p. 36) observa que “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagens um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”. Para preservar o passado, álbuns de fotos em formato físico foram criados e muitas dessas imagens focavam em detalhes da vida trivial das pessoas. Atualmente, esses álbuns ganham novos formatos nas redes sociais digitais, sendo o *Instagram* a principal rede social de imagens em rede. O álbum virtual ultrapassa limites e tem a possibilidade de alcançar um grande número de pessoas no mundo. Sobre a popularização da produção e do consumo de imagens na era digital, Velasco (2008) observa que:

Nunca tantas imagens fotográficas foram produzidas como na atualidade, após a popularização das câmeras de fotografia digital em todos os seus formatos e preços (sejam câmeras profissionais e sofisticadas, até as pequenas câmeras de bolso *point and shot*, ou ainda as embutidas em telefones celulares) Essas imagens serão visualizadas e divulgadas de múltiplas maneiras, através de troca de *e-mails*, álbuns virtuais de fotografias, torpedos fotográficos, ou até mesmo em impressões de alta qualidade que poderão retornar ao velho porta-retratos na cômoda da sala. (VELASCO, 2008, p.128)

Com a grande produção de fotografias causada pela popularização das câmeras fotográficas e a potencialização das mídias sociais, as pessoas ganham espaços e meios para compartilharem suas vidas e interesses. Essa visibilidade que a possibilidade ampla de compartilhamento proporciona acaba despertando uma vigilância crescente, com olhos globais, em torno dessas imagens. Torezani avalia que “as tecnologias das imagens são instrumentos utilizados por um mecanismo panóptico, que permite a observação constante das pessoas” (2018, p. 124). O panóptico descrito por Jeremy Bentham no século XVIII, também estudado por Foucault no século XX (1987), apresenta a ideia de “um olho que tudo vê” e, como consequência, consegue vigiar e melhor controlar os corpos e os movimentos dos indivíduos. Torezani (2018) reflete que:

Seu corpo é colocado à disposição da representação fotográfica. Ao se retratar, ocorre uma experiência sensível não mais particular, mas colocada aos olhos dos outros. Isso coloca a fotografia com a permanência do registro de si desde o século XIX, mas agora, com a constituição de corpo íntimo mostrado de forma compartilhada em rede. (TOREZANI, 2018, p. 124)

O ato de compartilhar nas redes sociais digitais leva a uma potencialização do alcance dos dados que os usuários disponibilizam nas suas mídias. Com a utilização de *tags* (indexadores com nomes e expressões textuais associados às fotografias compartilhadas, precedidas pelo símbolo #) e também de álbuns e marcações, em mídias sociais como o *Instagram*, o acesso e a visibilidade dessas imagens ganham grandes proporções. Pessoas de qualquer lugar do planeta, conectadas à internet, inclusive em outro continente, conseguem encontrar essas publicações sem nenhuma dificuldade, tendo apenas que acessar o mecanismo de busca dessas plataformas, colocando um nome de usuário, perfil ou tema.

Os usuários das mídias sociais, dentre elas do Instagram, tanto compartilham fotos de momentos importantes como situações prosaicas do dia-a-dia. Essas fotografias carregam informações importantes que, no entanto, podem passar despercebidas aos olhos das pessoas dada a velocidade com que, muitas vezes, consumimos essas informações em rede. Ao olhar essas imagens atentamente, observando o grande manancial de informações que podem conter, é possível exercer um olhar vigilante sobre os internautas que expõem suas vidas, rotinas e intimidade, desenvolvendo formas de controle sobre o outro, como discutiremos a seguir.

3. INSTAGRAM: O MOSAICO DA VIGILÂNCIA?

Este artigo tem como objetivo investigar como a fotografia se tornou um significativo dispositivo de vigilância e controle na era digital em função da sua ampla exposição pública nos perfis de usuários das mídias sociais com alcance global. Propomos investigar esse fenômeno a partir do estudo de caso de uma família residente em Londres, cujo perfil de um dos familiares na rede social *Instagram* nos fornece uma série de informações sobre a rotina, os gostos, os afetos e os costumes dessa família para pessoas do mundo inteiro como nós, que não têm nenhuma outra relação com essas pessoas – pessoal ou profissional - senão a possibilidade de sermos vigilantes do seu cotidiano, se assim desejarmos, como ponto de partida da nossa investigação.

Entendemos que a vigilância nas mídias sociais através da fotografia se dá na perspectiva de que o observador das redes detém o controle sobre quem está sendo observado nelas, não sendo essa uma relação recíproca. A fotografia se configura, então, como principal fonte de dados a serem observados e de onde podem ser extraídas informações úteis ou não para as mais diversas finalidades. Quem olha essas imagens é quem, de fato, tende a ter o poder sobre o indivíduo que publica suas fotografias nas redes sociais, o qual, ao postar seus conteúdos, não tem como, necessariamente, saber quem os observa.

O *Instagram* é, atualmente, a rede social digital que mais comporta fotografias na internet. Em 2018, bateu a marca de 1 bilhão de usuários⁶, um número expressivo, indicador de sua relevância para o campo da Comunicação na atualidade, o que nos levou a decidir por um caso filtrado nessa rede para o presente estudo: o *Document Your Life*. DYL é um projeto de vídeo *online*, que tem como objetivo captar cenas triviais e compilar em um vídeo mensal. Ganhou espaço no *YouTube* e, com a popularização entre os usuários da plataforma, alcançou outras redes sociais digitais. O nome do projeto, então, começou a ser usado como *hashtag* no *Instagram*, seguindo a ideia original de registro da vida cotidiana, sendo que, agora, com fotografias. Como o objetivo do projeto é, de fato,

⁶ Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/instagram-bate-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-ativos-116344/>. Acesso em 07/10/2020

documentar e compartilhar momentos, os perfis que usam essa *tag* em suas imagens, são perfis públicos e de fácil acesso para qualquer internauta.

Em uma única busca pela *hashtag Document Your Life*, foi possível encontrar o perfil pessoal @mrsmlerbc0, que se apresentou como fonte rica de informações e *insights* para nossa pesquisa, como veremos a seguir. Esse perfil nos possibilitou entender melhor a complexidade do fenômeno aqui investigado e as interações vividas por grupos sociais em função da problemática proposta. A metodologia escolhida é a metodologia qualitativa e a técnica de pesquisa é o estudo de caso. Após ampla observação do perfil @mrsmlerbc0, selecionamos um corpus ampliado com mais de 15 postagens. Como corpus restrito para este artigo, optamos por 5 fotografias que consideramos emblemáticas e nos possibilitam muitas considerações. São elas:

Figura 01: Família Miller reunida na escada



Fonte: Instagram/@mrsmlerbc0

Entre tantas imagens filtradas com a *hashtag documentyourlife*, a fotografia que consta na figura 01 chamou a atenção para o perfil por conta da presença de crianças que aparecem praticamente em todas as imagens que são publicadas na linha do tempo. Trata-se de um perfil administrado pela mãe dessas crianças que publica novas imagens de momentos em família e situações de comemorações. As fotografias apresentam

informações de localização e identificação dessas pessoas. Em uma definição geral da vigilância, Fernanda Bruno (2009) afirma:

No âmbito geral, designo por vigilância a atividade de observação sistemática e focalizada de indivíduos, populações ou informações relativas a eles, tendo em vista extrair conhecimento e intervir sobre os mesmos, de modo a governar suas condutas ou subjetividades. (BRUNO, 2009, p. 01-02)

Essas fotografias, que registram momentos especiais e simples, e são disponibilizadas em redes sociais digitais, voltam-se para o espectador e as consequências podem vir a ser perigosas para quem disponibiliza essas imagens. O fato de outra pessoa - nesse caso, o espectador que olha essas imagens fotográficas - descobrir detalhes é um meio de intervenção e controle sobre o outro, como podemos constatar em consonância com Bruno (2009, p.05). Ela afirma que “o olho que sobrevoa e conhece é também o olho que exerce poder, controle e vigilância de territórios” (BRUNO, 2009, p.05).

Figura 02: Duas crianças abraçadas posando para a foto



Fonte: Instagram/@mrsmlerbc0

Na figura 02, dois garotos posam para a câmera sorrindo. Nessa imagem, notamos a presença de um brasão nas roupas das crianças e é possível identificar que se trata de uma rede de ensino infantil chamada *Crofton Infant School*⁷.

⁷ Site da escola disponível em: <https://www.croftoninfantschool.co.uk/>. Acesso em: 08/10/2020

Figura 03: *Crofton Infant School*



Fonte: *Google Maps*

Figura 04: Localização da *Crofton Infant School*



Fonte: *Google Maps*

Crofton Infant School é uma escola localizada em *Petts Woods*, subúrbio do sudeste de Londres, capital do Reino Unido, no bairro londrino de *Bromley*. De acordo com o *Google Maps*, *Petts Woods* fica a 55 minutos de carro da capital de Londres. Com a

identificação do brasão na roupa das crianças (imagem da Figura 02), foi possível localizar uma escola e com essa informação conseguimos a localização e chegamos a um subúrbio do Reino Unido. A escola *Crofton Infant School* é um ponto chave para encontrar a família Miller e pensar em alguma intervenção, seja ela negativa ou positiva.

Fica evidente que, com a premissa dos hiperlinks própria da internet, uma simples insígnia numa vestimenta facilmente nos leva a muitas informações sobre uma escola e, a partir dela, podemos obter uma localização, um mapa, focar numa determinada rua e até conseguirmos vê-la, através de tecnologias como o *Google Street View*, dada a precisão e acurácia dos mecanismos de buscas e dos conteúdos disponibilizados na rede. O satélite do *Google* talvez possa hoje fazer, realmente, as vezes do “olho que tudo vê” e que, a um clique nosso, nos permite observar sorrateiramente uma série de lugares e pessoas que sequer sonham estar sendo observadas, vigiadas e analisadas naquelas condições e naquele dado momento.

Figura 05: Criança em um clube de esportes



Fonte: Instagram/@mrsmillerbco

Na figura 05, conseguimos identificar outra localização. O *Westcombe Park RFC* é um clube de futebol de rugby sediado em *Orpington*, no sudeste de Londres. De acordo com a legenda e a imagem, as crianças entram em campo para serem as mascotes do pai, que, supostamente, faz parte do time como diz o certificado que a criança está segurando. É notável que essa família frequenta esse local para práticas de esporte e lazer.

Além das informações provenientes dos elementos textuais, há também uma série de constatações e inferências que podem ser feitas a partir dos elementos visuais presentes nas fotografias. Podemos inferir que esta é uma família que tem uma boa condição econômica em função das roupas que veste e dos lugares que frequenta, que goza de boa saúde e valoriza práticas saudáveis desde cedo, dentre outros aspectos acerca dos locais frequentados e de uma série de signos presentes nas imagens postadas publicamente.

Colocando a *hashtag Document Your Life* no Instagram, conseguimos encontrar um perfil pessoal com fotografias simples do dia-a-dia e extraímos várias informações através dessas fotos: localização, rostos, relações de parentesco, gostos, estilo de vida e ambientes favoráveis para possíveis intervenções de inúmeras naturezas. Enquanto escrevíamos este artigo, a família Miller ganhou um novo membro: o bebê que recebeu o nome de Oscar e vem se juntar ao papai Bobby, à mamãe Hellen e aos seus irmãos Bobby e Charlie. Através de novos posts, pudemos acompanhar a mudança da rotina da família

e até mesmo inferir uma certa ausência de Bobby diante das novas demandas de Hellen com a nova maternidade.

Figura 06: Membros da família Miller



Fonte: Instagram/@mrsMillerbco

A família Miller talvez não se dê conta de que essas imagens e relatos colocam as vidas deles à disposição das redes sociais digitais para os usos mais diversos, inclusive para a escrita de um artigo científico que tem como intuito, também, ampliar a reflexão acerca da exposição demasiada das nossas vidas sob os olhos e olhares mais variados com os usos mais diversos dos nossos dados gratuitamente ofertados em rede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo de estudos da vigilância se amplia e ganha força com a consolidação da era digital na terceira década do século XXI, reunindo pesquisadores de diversos países, incluindo o Brasil. Em 2020, são completados 25 anos da entrada da internet nas nossas vidas cotidianas, para uso profissional e pessoal, dentro de um cenário cada vez mais complexo e desafiador, no qual estão inseridas questões políticas, econômicas, sociais, culturais e de forte cunho ético. Nesse contexto, a comunicação social e seus múltiplos meios e linguagens se tornam um *locus* fundamental para reflexão e problematização de inúmeras questões como essa que buscamos, breve e incipientemente, discutir aqui.

Se as sociedades disciplinares apresentaram formas de adestramento e de controle, que tinham como objetivo moldar os corpos e torná-los dóceis e fáceis de controlar através de uma vigilância constante e perceptível, as sociedades de controle, nas quais estamos inseridos, usam da discrição para manter uma vigilância constante, reticular, cada vez mais distribuída, que alcança e afeta a todos. Nesse sentido, acreditamos que a fotografia tem um grande potencial para possibilitar o exercício de práticas de vigilância, principalmente nas redes sociais digitais, que se disseminam cada vez mais, atraindo milhões de pessoas das mais variadas idades, condições sociais e massas críticas em relação à complexidade da comunicação em rede.

A família Miller publicou em sua conta @mrsmillerbco, no Instagram, fotografias de momentos triviais, que apresentam informações sobre a vida pessoal de seus membros, possibilitando uma vigilância da qual certamente não têm consciência. Neste momento, sequer imaginam que seus registros afetivos se tornaram *corpus* de pesquisa para estudiosos de uma universidade localizada na região agreste, no interior do estado de Pernambuco, localizado no Nordeste do Brasil. Desta forma, parece-nos de suma importância situar o papel da fotografia, especialmente nas redes sociais digitais, como um dispositivo de vigilância e controle capaz de intervir de forma prejudicial na vida dos indivíduos que deixam escapar muito mais do que imaginam sobre suas vidas nessas aparentemente inocentes e prosaicas imagens.

REFERÊNCIAS

BRUNO, Fernanda. **Mapas de Crime: Vigilância distribuída e participação na cibercultura.** In Revista eletrônica E-Compós, Brasília, V. 12, n.2, maio/agosto de 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, Sociedade e cultura; vol. 1.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE G. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle.** In: Deleuze G. Conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34; 1992.

DOMINGUES, Izabela. **Publicidade de controle.** Consumo, Cibernética, Vigilância e Poder. Porto Alegre: Sulina, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1987.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 2001.

TOREZANI, Julianna Nascimento. **As selfies do Instagram: os autorretratos na contemporaneidade**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

VELASCO, Nina. **Fotografia digital, estética e sociedade de controle**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 16, p. 123-133, dez. 2008.